

O SACI CONTRA AS BRUXAS NA DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

Robson Rodrigues¹
Grasiela Lima²

O dia 31 de outubro é conhecido mundialmente como o “Dia das Bruxas”, uma tradição de origem anglo-saxônica, possivelmente originária dos antigos povos celtas que, na verdade, comemoravam a “noite sagrada” (Samhain). Segundo pesquisadores, tratava-se de festa pagã que foi perseguida na Idade Média pela Igreja Católica e, a partir daí, a figura da bruxa foi incorporada à celebração.

Como toda tradição cultural, o Dia das Bruxas sofreu várias transformações através dos tempos, congregando outros elementos culturais de acordo com a região onde foi sendo praticado. Assim, o Brasil também comemora esta data, sob forte influência dos festejos realizados nos Estados Unidos e, portanto, sem nenhum vínculo com as nossas próprias raízes culturais.

O fato em si, aparentemente, pode não representar nada de muito importante, mas como dizem os artistas, folcloristas e antropólogos, o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural de uma sociedade são fundamentais para o sentimento de pertencimento e continuidade do seu povo.

Se nas primeiras décadas do século XX os modernistas da Semana de 22 pretendiam “redescobrir o Brasil, libertando-o das amarras que o prendiam aos padrões estrangeiros”, ainda hoje, apesar da globalização, é uma importante lição a ser aprendida e praticada. A valorização do patrimônio cultural de um povo é essencial para a preservação de sua memória e identidade. Nesse sentido, a própria Constituição Federal determina que o poder público e a sociedade civil devem promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro.

A partir daí, alguns folcloristas apresentaram a proposta de que no dia 31 de outubro, ao invés do *Halloween*, o Brasil comemorasse o Dia do Saci, sugestão que virou a lei federal nº 2.762, de 2003. A idéia é não creditarmos tanto valor a uma data que não tem significado nem raízes na nossa cultura, e passarmos a valorizar e promover nosso folclore através de uma das suas figuras mais conhecidas.

O Saci-Pererê possivelmente surgiu entre os povos indígenas do sul do país, por volta do século XVIII, e era representado por um menino indígena que vivia aprontando travessuras na floresta. No decorrer dos tempos, o mito foi se transformando, agregando elementos da cultura africana, o que converteu o Saci num menino negro de uma perna só (teria perdido a outra perna num jogo de capoeira), usando gorro vermelho e um cachimbo. Contudo, mantendo o espírito travesso e brincalhão, sendo também identificado como guardião das florestas, profundo conhecedor das ervas e das plantas medicinais.

Sendo assim, buscamos aproveitar a referida data – Dia do Saci – para provocarmos uma breve reflexão sobre a importância de se conhecer e preservar

¹ Etnoarqueólogo, professor-pesquisador do CEIMAM – Centro de Estudos Indígenas “Miguel A. Menéndez” – da FCL/UNESP. Presidente da Fundação Araporã - robson_arqueo@yahoo.com.br

² Socióloga, professora e coordenadora do Núcleo de Extensão e Assuntos Comunitários das Faculdades Integradas de Jaú, integrante do “Grupo de Pesquisa Educação e Direito na Sociedade Brasileira Contemporânea, da UFSCar, vice-presidenta da Fundação Araporã - grasiela_lima@yahoo.com.br.

nossas raízes culturais como forma fundamental de afirmação da nossa identidade e valorização da diversidade da cultura brasileira, tendo em vista a promoção da consciência de uma cidadania ativa e participativa.

É interessante questionar, nesse momento, o porquê da celebração de tradições europeias, condenando à invisibilidade ou ao ostracismo as influências indígenas e africanas da nossa cultura. Durante o processo de dominação colonial até as primeiras décadas da República, o povo brasileiro foi ensinado a se envergonhar destas suas origens. E hoje, assistimos – nem todos pacificamente – ao genocídio praticado contra os povos indígenas e às inúmeras denúncias de crime de racismo contra os negros – nas ruas, nas universidades, nos hospitais, nos locais de lazer.

Portanto, num contexto de importação de manifestações alheias à nossa própria cultura, tornam-se fundamentais as ações educativas que tenham como objetivo a preservação da nossa memória, da nossa história e do respeito às nossas raízes, pois só assim terá verdadeiro sentido e legitimidade a construção do nosso futuro enquanto nação democrática e pluralista.